
O Pequeno Príncipe: uma análise semiótica das ilustrações¹

Emanuele Mendonça de FREITAS²
Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, RS
PROSUP/CAPES

Resumo

O presente trabalho analisa quatro ilustrações presentes na obra ficcional *O Pequeno Príncipe*, publicada em 1943. A obra faz parte da produção literária de Antoine de Saint-Exupéry, que era conhecido como o "poeta da aviação" por abordar nos livros as suas experiências como piloto. *O Pequeno Príncipe* é uma de suas publicações mais conhecidas, cuja **ficção** se mescla com a história de vida do escritor. No decorrer do texto, são encontradas diversas aquarelas desenhadas por Saint-Exupéry, que contribuem para dar sentido à narrativa. Nesse contexto, busca-se compreender o significado dessas ilustrações com base na semiótica, utilizando como aporte teórico Umberto Eco e Edgar Roberto Kirchof.

Palavras-chave: Semiótica; Ilustrações; Antoine de Saint-Exupéry.

Semiótica: uma porta para a análise literária

Esse trabalho pretende analisar as ilustrações presentes na obra de ficção *O Pequeno Príncipe*, de Antoine de Saint-Exupéry, com base nos estudos de Umberto Eco sobre a semiótica. Para tanto, torna-se necessário compreender a diferença entre a definição de símbolo que, segundo Chevalier e Gheerbrant (2009, p. XIX) é "muito mais do que um simples signo ou sinal: transcende o significado e depende da interpretação que, por sua vez, depende de certa predisposição" e de signo, que "é não só unidade de expressão e conteúdo mas é uma entidade abstracta, uma classe de expressões relacionada com uma classe de conteúdos" (ECO, 2001, p.18).

Nesse contexto, o signo pode ser classificado de diferentes formas, como por exemplo: inferências naturais, diagramas, emblemas, desenhos, entre outros. Nesse texto, utilizaremos a definição apresentada por Eco (2001) sobre os desenhos, que são reconhecidos pelo dicionário como signos e que, segundo o autor, são compostos por

¹ Trabalho apresentado no DT 8 – Estudos Interdisciplinares do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 15 a 17 de junho de 2017.

² Bolsista PROSUP/CAPES do Mestrado em Letras, Cultura e Regionalidade da Universidade de Caxias do Sul, manucamf@terra.com.br.

"qualquer processo visual que reproduza os objectos concretos, como o desenho de um animal para comunicar o objecto ou o conceito correspondente" (ECO, 2001, p. 22). O autor complementa afirmando que, além de possuir a condição de substituição, o signo também deve possibilitar uma interpretação, ou seja, que alargue a compreensão do conteúdo apresentado pelo signo.

Segundo Kirchof (2003), Umberto Eco ainda diferencia comunicação, que gera informação, mas não necessariamente seja composta de signos, de significação, que pressupõe a existência de um código. Apesar disso, a comunicação não se desenvolve sem códigos, considerando-se que "a transmissão de um sinal só pode ser decodificada caso haja uma convenção prévia que indique como deve ocorrer tal decodificação" (KIRCHOF, 2003, p. 169). Dessa forma, no caso da literatura, o texto exige que o leitor trabalhe de forma a preencher os espaços do não-dito ou do já-dito que tenham ficado em branco, de maneira que possa compreender a mensagem que o autor desejava transmitir. Nesse contexto, o não-dito seria tudo o que não foi manifestado abertamente pelo autor (ECO, 2002).

O autor afirma ainda que esses espaços em branco são deixados por duas razões: primeiramente porque o texto "vive da valorização de sentido que o destinatário ali introduziu" (ECO, 2002, p. 37); além disso, ao assumir uma função estética, o texto deixa para o leitor a iniciativa interpretativa, ou seja, ele precisa de alguém que busque um sentido para ele. Algumas obras, como é o caso de *O Pequeno Príncipe*, mesclam texto e ilustrações, criando um vínculo definido por Camargo (1998), como coerência intersemiótica, ou seja, são dois códigos (palavra e imagem) que, juntos, convergem para dar significação ao texto. Nesse caso,

a ilustração estabelece com o texto uma relação semântica. Nos casos ideais, uma relação de coerência, aqui denominada coerência intersemiótica, pelo fato de ocorrer entre dois códigos diferentes, o visual e o verbal. Assim, entende-se neste estudo como coerência intersemiótica a relação de coerência, ou seja, convergência ou não contradição, entre os significados (denotativos e conotativos) da ilustração e do texto (CAMARGO, 1998, p. 75).

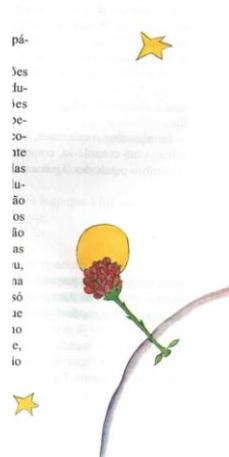
Assim, para verificar se há coerência entre imagem e texto, é preciso avaliar se a ilustração converge, se desvia ou contradiz os significados do texto. Dessa forma, a imagem não tem por função apenas adornar um texto, mas entre outros aspectos, ela busca simbolizar, representar, descrever, narrar e expressar, ou seja, ela complementa o texto reafirmando seu significado (CAMARGO, 1998, p. 58). Levando esses conceitos

em consideração, esse trabalho analisará quatro das ilustrações de *O Pequeno Príncipe*, relacionando-as com o texto, buscando compreender seu significado.

O Pequeno Príncipe: uma análise semiótica

Publicado em 1943, *O Pequeno Príncipe* é uma das obras mais conhecidas de Antoine de Saint-Exupéry. Nascido em Lyon, na França, em 29 de junho de 1900, trabalhou como piloto e escritor. Após ser reprovado em um exame da Marinha, optou pela aviação. Problemas financeiros da companhia aérea fizeram com que ele acabasse se tornando jornalista, o que contribuiu para que ele viajasse por todo o mundo. Durante a Segunda Guerra Mundial, alistou-se no Exército Francês e, no decorrer de um período de exílio nos Estados Unidos, escreveu *O Pequeno Príncipe*.

O texto do livro é acompanhado por aquarelas desenhadas pelo autor e, em conjunto, dão significado à narrativa. Segundo Chevalier e Gheerbrant (2009, p. XXI), "todo objeto pode revestir-se de valor simbólico, seja ele natural (pedras, metais, árvores, flores, frutos, animais, fontes, rios, oceanos, montes e vales, planetas, fogo, raio etc) ou abstrato (forma geométrica, número, ritmo, idéia etc.)". Assim, a primeira imagem é composta por uma rosa, a lua, duas estrelas e uma parte do que seria o Asteróide B612, planeta de origem do príncipezinho, conforme demonstra a imagem a seguir:



Fonte: Saint-Exupéry, 2009, p. 27

Nesse caso, iniciando-se pela lua que, segundo Chevalier e Gheerbrant (2009), simboliza a divindade da mulher e a força fecundadora da vida, sendo também um símbolo do sonho, do inconsciente e, assim como as estrelas, dos valores noturnos. A rosa, por sua vez,

simboliza a alma, o coração e o amor, ao mesmo tempo em que "designa uma perfeição acabada, uma realização sem defeito" (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2009, p. 788). Esses significados se assemelham ao que é transmitido pelo texto, uma vez que, na narrativa, a rosa, embora vaidosa e mentirosa, é considerada perfeita pelo príncipezinho que, no decorrer de sua viagem, descobre o amor que nutria por ela, o que se comprova quando ele afirma que "se alguém ama uma flor da qual só existe um exemplar em milhões e milhões de estrelas, isso basta para fazê-lo feliz quando a contempla" (SAINT-EXUPÉRY, 2009, p. 28).

A rosa está presente em diversas imagens no decorrer do texto, simbolizando o feminino e o amor. É o caso da imagem a seguir que, além da rosa e das estrelas, conta com a presença do pequeno príncipe, de três vulcões, uma redoma de vidro, um banquinho e uma panela, conforme apresentado na seguinte ilustração:



Fonte: Saint-Exupéry, 2009, p. 33

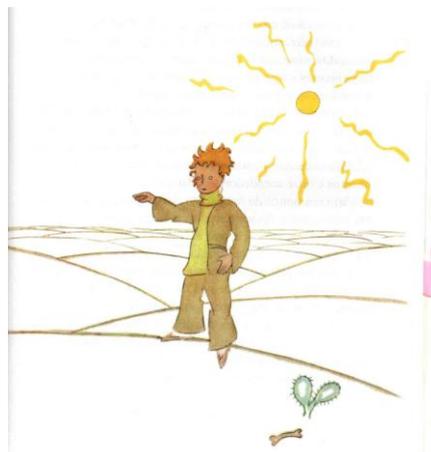
Nessa imagem, o príncipezinho está utilizando vestes nas cores amarela e verde. Para Chevalier e Gheerbrant (2009), o amarelo simboliza a eternidade, sendo uma cor masculina, de luz e de vida, é veículo da juventude e do vigor. O verde, por sua vez, é uma cor que "conserva um caráter estranho e complexo, que provém da sua polaridade dupla: o verde do broto e o verde do mofo, a vida e a morte. É a imagem das profundezas e do destino" (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2009, p. 943). O vulcão, amontanha, são definidos pelos autores como símbolo de estabilidade, imutabilidade e, até mesmo, de pureza.

Na obra de Exupéry, os vulcões também surgem como símbolo de estabilidade, uma vez que "se são bem revolvidos, os vulcões queimam lentamente, constantemente, sem erupções" (SAINT-EXUPÉRY, 2009, p. 32). Não é estranho o fato de o príncipezinho utilizar as cores verde e amarela nesse instante, uma vez que, sendo bastante jovem, o que vem ao encontro do simbolismo da cor amarela, segue em busca

da vida, de instrução, ao mesmo tempo que, para retornar a seu planeta, no fim do livro, encontra-se com a "morte" provocada pela mordida da serpente.

A próxima imagem apresenta não somente o príncipezinho, mas também o sol, o deserto, um osso e um cacto. Nesse caso, o deserto, para Chevalier e Gheerbrant (2009), simboliza a solidão e, além disso, comporta dois sentidos simbólicos essenciais, sendo eles: a "indiferenciação inicial ou a extensão superficial, estéril, debaixo da qual tem de ser procurada a realidade" (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2009, p. 331). O sol, por sua vez, representa a luz, o calor e a vida. O osso, por outro lado, remete à firmeza, à força e à virtude.

A solidão é abordada diversas vezes em *O Pequeno Príncipe*, seja quando o aviador afirma ter enfrentado uma pane do avião e se encontrar "há quilômetros e quilômetros de qualquer terra habitada" (SAINT-EXUPÉRY, 2009, p. 09), seja quando o príncipezinho afirma se sentir um pouco sozinho no deserto. Nesse contexto, o deserto deixa de ser somente uma imensidão de areia e é transformado em espaço pelas pessoas que por ali passam. Assim, o deserto se modifica conforme a percepção e as vivências de cada um. Inicialmente, o deserto é um espaço solitário, tanto para o aviador, que precisa resolver a pane do avião sozinho, afirmando que "estava mais isolado que um náufrago num bote perdido no meio do oceano" (SAINT-EXUPÉRY, 2009, p. 9), quanto para o pequeno príncipe. Ao chegar na Terra, ele encontra uma serpente para a qual pergunta onde está, ao que ela responde que ele está no deserto e "não há ninguém nos desertos" (SAINT-EXUPÉRY, 2009, p. 57), ao que o príncipezinho responde que se sente um pouco sozinho no deserto.

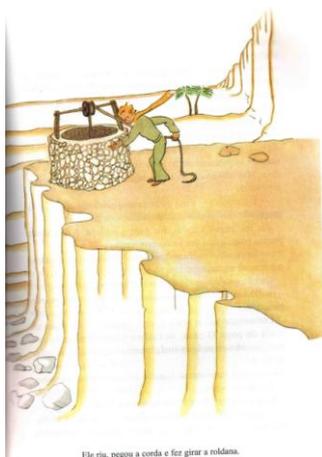


Fonte: Saint-Exupéry, 2009, p. 55

Por fim, outra imagem da obra ilustra o momento em que o príncipezinho e o aviador encontram o poço de água e o pequeno príncipe corre para descer o balde e

buscar um pouco de água. Nessa imagem, destacam-se o poço, que conforme Chevalier e Gheerbrant (2009) representa a abundância e a fonte da vida, sendo também um símbolo de segredo e uma via vital de comunicação, e a corda, que simboliza a ascensão, o desejo de subir.

A árvore, também presente na imagem a seguir, é símbolo da vida, o que vem ao encontro do significado do poço, como fonte da vida, o que se corrobora na obra de ficção quando o aviador afirma que "aquela água era muito mais que um alimento. Nascera da caminhada sob as estrelas, do canto da roldana, do esforço do meu braço. Era boa para o coração, como um presente" (SAINT-EXUPÉRY, 2009, p. 78-79).



Fonte: Saint-Exupéry, 2009, p. 77

Nesse contexto, levando em conta as ilustrações mencionadas, percebe-se que a obra de Exupéry é composta por diversos símbolos e a utilização da semiótica possibilita a realização de uma análise literária do conjunto de significações da obra. *O Pequeno Príncipe* retrata diversos temas e a análise semiótica permite que as ilustrações do texto sejam vistos como complemento um do outro, de maneira que os sentimentos e acontecimentos narrados no texto também possam ser encontrados nas imagens, e vice-versa.

Isso vai ao encontro do que Eco (2002) afirma quando destaca que o texto, ao assumir uma função estética, permite que o leitor faça uma análise interpretativa, dando sentido para história, de maneira que a valorização de sentido dada pelo destinatário dá vida ao texto. Nesse sentido, Eco (2002, p. XI), afirma que, além da cooperação do leitor, um texto precisa que "esse leitor tente uma série de opções interpretativas que, se não infinitas, são ao menos indefinidas; e, em todo caso, são mais que uma", de modo

que, embora o escritor apresente determinados símbolos, a interpretação pode variar de acordo com a percepção dos leitores que vão dar significado a esses símbolos.

O autor complementa afirmando que a compreensão da narrativa envolve o emprego de diferentes pontos de vista, que são acompanhados por uma espécie de estranhamento, que é uma forma intensificada e um pouco mais complexa de interpretação, cujo objetivo é "estimular a atividade do sujeito receptor, obrigando-o a viver o próprio objeto" (KIRCHOF, 2003, p. 187). Dessa forma, os estudos da Semiótica associados à obra literária são eficazes no auxílio à compreensão dos mecanismos artísticos das ilustrações, permitindo perceber a linguagem artística utilizada por Exupéry no decorrer da narrativa, uma vez que ele se apropria não só do texto, mas também da aquarela, reforçando a mensagem que deseja transmitir.

Assim, é por meio da análise do conjunto (imagem + texto) que se constrói uma interpretação da narrativa, o que possibilita não só a compreensão do deserto como um espaço de solidão que, posteriormente, se torna um espaço de amizade, mas também permite a identificação da rosa como um símbolo da vaidade e da perfeição que, depois, se transforma em um símbolo do amor.

Referências bibliográficas

CAMARGO, Luís Hellmeister. **Poesia Infantil e Ilustração: estudo sobre *Ou isto ou aquilo* de Cecília Meireles**. Campinas: Instituto de Estudos da Linguagem, 1998.

ECO, Umberto. **Lector in Fabula**. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2002.

_____. **Semiótica e Filosofia da Linguagem**. Lisboa, PO: Instituto Piaget, 2001.

KIRCHOF, Edgar Roberto. **Estética e Semiótica de Baumgarten e Kant a Umberto Eco**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.

SAINT-EXUPÉRY, Antoine. **O Pequeno Príncipe**. Rio de Janeiro: Agir, 2009.